

Questão mal-resolvida

J. Roberto Whitaker Penteadó

Imagine um negócio altamente lucrativo, em que o produto tem um custo de fabricação que não representa mais do que uma pequena fração do preço que os consumidores estão dispostos a pagar. Está perfeitamente inserido no movimento de globalização, respondendo rapidamente às mudanças de mercado e nas vias de transporte e comunicação. Apesar de ser global, utiliza uma rede altamente dispersa pulverizada mesmo que possibilita grande agilidade em todos os níveis. O relacionamento de todos os envolvidos é baseado, em primeiro lugar, na confiança recíproca. A necessidade de propaganda para conquistar novos consumidores especialmente entre os jovens é nenhuma. Além disso, beneficia grandemente os países mais pobres e mobiliza recursos humanos que consistem primordialmente em mão de obra não-especializada e minorias sociais até mesmo nos países do primeiro mundo.

Esse negócio chama-se Drogas.

Adapte essa descrição de matéria especial publicada pelo Economist (de 28 de julho). A revista traz reportagem de capa e um encarte de 16 páginas sobre este assunto. E manifesta-se a favor da legalização - ou descriminalização das drogas e do mercado que representa.

As estimativas sobre o tamanho desse mercado variam. Como observa o analista que faz o comentário, é difícil obter dados confiáveis sobre uma atividade clandestina, considerada universalmente criminosa. Mas não representa menos do que 20 bilhões de dólares de produto exportado in-natura, o mesmo que a receita mundial da Coca-Cola. Isso contrapõe-se às estatísticas divulgadas pelo Departamento de Controle de Drogas e Prevenção de Crimes da ONU, que avalia o mercado em 400 bilhões de dólares mais do que o total de toda a indústria de petróleo. Essa cifra, contudo vindo de onde vem e levando em conta os interesses da organização internacional é considerada questionável. A revista inglesa prefere ficar com os próprios cálculos, de que as vendas no nível de "varejo" representam cerca de US\$ 150 bilhões por ano o que, ainda assim, coloca o mercado total de drogas proibidas como sendo metade do total mundial para drogas "permitidas" (produtos farmacêuticos) e não muito menor do que a indústria mundial de fumo (204 bilhões) ou de bebidas alcoólicas (252 bilhões).

Por que The Economist - uma publicação notoriamente conservadora assume a posição de defesa da legalização das drogas?

Parte da explicação reside no fato como descrito no início de que se trata de um grande negócio. Um quilo de heroína, 40% pura, é vendido nas ruas de Nova York a US\$ 290.000. O mesmo preço de um automóvel Rolls-Royce, top-of-line. Com uma diferença significativa: fabricar um Rolls-Royce e transportá-lo até N.Y., mais todas as despesas de marketing e propaganda resultam em esforços (e custos) infinitamente menores. É muito difícil que um mercado, que proporciona tais recompensas a quem entra nele (apesar dos riscos), possa ser controlado através de medidas de força.

Um outro aspecto da posição da revista inglesa é filosófico. Tem a ver com o princípio exposto por John Stuart Mill, pensador liberal britânico, há século e meio, de que o Estado não deve intervir no direito que o indivíduo deve ter de prejudicar a si próprio, se o seu comportamento não prejudica aos demais. É uma questão que pode ser discutida. Mas, ainda em termos práticos, a revista afirma que a verdadeira guerra que se instalou, contra as drogas, tem produzido mais prejuízo, ainda, para a sociedade. Um de cada quatro presos, nos Estados Unidos, foi condenado por causa de drogas, geralmente em ações não-violentas. E a esmagadora maioria pertence a minorias desfavorecidas, que estão sendo preparadas para a vida no confinamento e na violência. Outra questão tratada é a da colocação da maconha no mesmo nível de outras drogas químicas, de conseqüências piores, já que os estudos científicos com a canabis não conseguiram provar que seus efeitos sejam, sequer, tão maléficos quanto os da nicotina.

Convido o leitor a ler a matéria do Economist, se desejar. Eu confesso que me interessei por ela em função do recente e fantástico imbroglío provocado por um juiz carioca, que interpretou

literalmente as leis existentes e transformou o que deveria ser uma pacífica manifestação de música para jovens em mais uma manifestação de inferno urbano. E ainda estou pensando.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=465&ID=57>>.
Acesso em: 6 ago. 2009

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais